



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE UnB DE PLANALTINA
GESTÃO AMBIENTAL**

VIVIANE DE SOUSA SANTOS

**AS CONCEPÇÕES DE NATUREZA NO CANDOMBLÉ DO ILÊ ASÉ ALAKETÚ
ONIRA FERAN N'IFÉ, PLANALTINA-DF**

PLANALTINA-DF

2023

VIVIANE DE SOUSA SANTOS

**AS CONCEPÇÕES DE NATUREZA NO CANDOMBLÉ DO ILÊ ASÉ ALAKETÚ
ONIRA FERAN N'IFÉ, PLANALTINA-DF**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Gestão Ambiental,
como requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Gestão Ambiental.

Orientadora: Mônica Celeida Rabelo
Nogueira

PLANALTINA-DF

2023

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender a relação do Candomblé da nação Ketu com a natureza, por meio de entrevistas realizadas com três candomblecistas do *Ilê Asé AlaKetu Onira Feran N'ifé*, situado na região rural de Planaltina, Distrito Federal. Foram objetivos específicos analisar o uso de elementos da natureza nos rituais do *Ilê Asé AlaKetu Onira Feran N'ifé*, a relação dos Orixás com o meio ambiente e os elementos da natureza e como se configuram as concepções de natureza e sustentabilidade a partir dessas práticas e conhecimentos. Trata-se de um estudo de caso, de caráter exploratório, realizado por meio de uma abordagem qualitativa.

Palavras-chave: Candomblé. Meio Ambiente e Natureza. Sustentabilidade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Objetivo geral	11
1.2 Objetivos específicos	11
1.3 Metodologia	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 As concepções de natureza no Candomblé	14
2.2 Orixá e os elementos da natureza	16
2.3 Meio natural, fenômenos naturais, plantas e outros recursos naturais no Candomblé	17
3. A RELAÇÃO DO CANDOMBLÉ COM A NATUREZA NO ILÊ ASÉ ALAKETU ONIRA FERAN N'IFÉ	19
3.1 O terreiro Ilê Asé Alaketu Onira Feran N'ifé	19
3.2 Práticas e usos da natureza no cotidiano do terreiro	24
3.3 A visão dos membros do Ilê Asé Alaketu Onira Feran N'ifé	27
4. SUSTENTABILIDADE NO CANDOMBLÉ: CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
APÊNDICE 1: GLOSSÁRIO	33
APÊNDICE 2: TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE, PRÉVIO E INFORMADO E DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DE IMAGEM	35
APÊNDICE 3: ROTEIRO DE ENTREVISTA	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo geral discutir as relações entre Candomblé e o meio ambiente, buscando apresentar perspectivas e os conhecimentos sobre natureza e os elementos naturais e sua relação com os Orixás, dentro da religião Candomblé da nação Ketu¹.

Os Orixás são entidades divinas das religiões de matriz africana. Para os membros dessas religiões, "são 'forças inteligentes da natureza' e 'entidades espirituais regentes'" (MARTINS, 2015, p. 265), estando assim identificados com elementos e manifestações naturais, sendo parte do cosmo.

O Candomblé, dentre as religiões de matriz africana, é apresentado pelos candomblecistas como uma religião de ancestralidade e conexão com a natureza. Assim, quando se fala de Orixá se trata de uma energia que é uma parte da natureza e o meio em que vivemos. O Orixá está em cada parte da natureza, seja ela uma cachoeira, o vento, a água doce ou a salgada, rios e mares, chuva, folhas, animais. Cada Orixá tem sua ligação com um elemento da natureza e cada Orixá tem sua erva ou árvore correspondente. Por isso, os candomblecistas pressupõem que quando se preserva e cuida dos locais em que se vive, a conexão com a ancestralidade e com o sagrado é cada vez mais forte.

Para Durlley (2004), natureza e ambiente são a mesma coisa, porém ambiente seria algo que qualquer espécie precisa para existir, ele cita como exemplo o meio ambiente para as minhocas, "o meio ambiente favorável às minhocas seria aquele composto por elementos da natureza que lhes são indispensáveis para sua sobrevivência e reprodução".

Em Martins (2015), a tradição, a ancestralidade e a ligação do Candomblé e a conexão com o Orixá se dão através da interação e manejo dos elementos naturais como a água, o fogo, a terra e as florestas.

¹ Apresentarei as nações de Candomblé adiante, no Referencial Teórico. Devido à diversidade de nações, alguns autores (como Bastide, 1961) propõem referir o Candomblé no plural: candomblés. Neste trabalho, adoto a grafia Candomblé, no singular, mas como nome próprio, referindo assim o conjunto das nações que o constituem.

No Dia Mundial do Meio Ambiente², o Candomblé também se inscreve na esfera pública, acionando elementos icônicos do culto que servem à interpretação ecológica. Aqui, aparece a cor verde, associando os Orixás com determinados elementos da natureza, demonstrando a preocupação de seus praticantes com o meio ambiente (ORO, 2012, p. 167).

Tendo em conta a adesão das comunidades de Candomblé às manifestações públicas em defesa do meio ambiente, revela-se importante discutir a sustentabilidade conforme os parâmetros desse culto religioso. Também compreender os significados atribuídos por candomblecistas à natureza, para depois poder discutir suas razões, e como isso se manifesta em práticas que visam a sustentabilidade ambiental.

O Ilê Asé AlaKetu Onira Feran Nifé foi a comunidade focalizada nesta pesquisa, pois é a comunidade da qual participo como membro há algum tempo, sendo também o local que tenho como referência para uma discussão ambiental associada ao Candomblé. Meu irmão é candomblecista desde criança. Eu fui apresentada à religião mais velha, aos meus 19 anos de idade. Desde então pude observar o Candomblé como um grande contribuinte para as práticas sustentáveis, para além da dimensão econômica.

Para Veiga (2010), a sustentabilidade é pouco vista como qualidade de vida ou praticada por vontade própria, mas deveria ser vista como algo fundamental para a existência do ser humano e não para fins econômicos.

As práticas insustentáveis afetam a nossa existência, pois aceleram o esgotamento dos elementos naturais. A forma como nos relacionamos com a natureza irá gerar uma reação seja ela boa ou ruim e isto pode mudar de acordo com as nossas diferentes culturas ou religiões. Atenta a esses aspectos, me propus a realizar a presente pesquisa.

² A relação das religiões com o meio ambiente e a ação do homem para preservar o planeta foram temas discutidos no segundo dia da XXVI Semana do Meio Ambiente do Jornal da PUC, evento realizado em 2020. Disponível em:

<http://www.nima.puc-rio.br/2020/07/29/2o-dia-da-xxvi-semana-de-meio-ambiente-no-jornal-da-puc/>.

Acesso em: 28/01/2023.

No ano de 2021, na cidade de Belém, evento similar contou com a presença de representantes de comunidades indígenas e de religiões matrizes afroreligiosas, como, por exemplo do Candomblé, Umbanda e Tambor de Mina. Disponível em:

<https://semma.belem.pa.gov.br/prefeitura-de-belem-comemora-dia-mundial-do-meio-ambiente-com-programacao-especial/>. Acesso em: 28/01/2023.

1.1 Objetivo geral

Este trabalho tem como objetivo geral compreender a relação da religião Candomblé da nação Ketu com a natureza, por meio da análise da concepção, das práticas e do usos da natureza por candomblecistas do *Ilê Asé Alaketú Onira Feran N'ifé*, na região rural de Planaltina, Distrito Federal.

1.2 Objetivos específicos

São objetivos específicos:

- a) caracterizar a relação dos Orixás com o meio ambiente e os elementos da natureza;
- b) descrever e analisar o uso de elementos da natureza nos rituais do *Ilê Asé Alaketú Onira Feran N'ifé*;
- c) discutir como se configuram as concepções de natureza e sustentabilidade a partir das práticas e conhecimentos dos candomblecistas do *Ilê Asé Alaketu Onira Feran N'ifé*.

Foto 1: Frente do Ilê Asé Alaketu Onira Feran N'ifé.



Fonte: Viviane de Sousa Santos, 2022.

1.3 Metodologia

O presente estudo foi realizado por meio de uma pesquisa qualitativa, de caráter teórico-empírico, baseado no método hipotético-dedutivo, a fim de compreender como ocorre a interação entre o Candomblé e a natureza. Será apresentado no formato de monografia.

O levantamento bibliográfico foi realizado por meio do Google Acadêmico. Foram utilizadas as palavras-chave: Candomblé, meio ambiente, natureza e sustentabilidade, em diferentes combinações. A partir do levantamento, selecionei 15 trabalhos que melhor respondiam aos critérios escolhidos e foram utilizados para a análise dos dados de pesquisa e para compor a escrita deste trabalho.

A obtenção de dados se deu por meio de entrevistas semi-estruturadas, realizadas no terreiro escolhido para realizar a pesquisa. Memorizei as perguntas pré-elaboradas para compor o roteiro de entrevistas, a fim de realizá-las sem intimidar os entrevistados e com o objetivo de buscar compreender a relação da religião afro-brasileira com a natureza.

Foram realizadas entrevistas com três integrantes do *Ilê Asé Alaketu Onira Feran N'ifé*³, casa que fica localizada na área rural de Planaltina, Distrito Federal. Esse *Ilê Asé* foi fundado em 24 de dezembro de 1986, registrado como Casa Afro-cultural e Assistencial Tenda de Oxalá.

Os entrevistados foram: (a) Mãe Neuza de Oyá, a *Yalorixá* do *Ilê Asé*, a qual iniciou sua vida espiritual muito nova, porém só se iniciou no Candomblé aos 36 anos. Hoje, Mãe Neuza de Oyá tem 72 anos de idade; (b) Matheus, que é adepto ao Candomblé desde os 3 anos de idade, por morar com sua avó a *Yalorixá* Neuza, é iniciado na religião e confirmado há 4 anos, sendo filho de *Oxossi*; (c) Vitória, que não é iniciada na religião - é, portanto uma *Abian* -, mas se considera filha da casa desde 2020.

Quadro 1: Dados dos entrevistados

Nome	Idade	Cor/ raça	Sexo	Estado Civil	Escolarida de	Cargol/ situação no Ilê
Neuza Ferreira Souza	72	Branca	Feminino	Viúva	Ensino Médio completo	<i>Yalorixá</i>
Matheus de Sousa Santos	28	Pardo	Masculino	Solteiro	Ensino médio incompleto	<i>Ogan</i>
Vitória de Sousa Santos	25	Negra	Feminino	Solteira	Ensino superior incompleto	<i>Abian</i>

Os entrevistados autorizaram a divulgação de seus dados e respostas para a produção deste trabalho por meio de Termo de Consentimento Livre Prévio e Informado. O uso das imagens do Ilê também foram autorizados pela *Yalorixá* Neuza Ferreira Souza. Ambos os termos se encontram no Apêndice 2.

³ Para conhecer, em termos gerais, os Orixás e os significados de categorias próprias do Candomblé da nação Ketu, ver Apêndice 1: Glossário, ao final deste TCC. As palavras próprias do Candomblé, que compõem o Glossário, estão destacadas em itálico ao longo do texto.

Os principais tópicos abordados nas entrevistas foram: a importância da natureza dentro e fora do Ilê; o uso das plantas, ervas e elementos naturais para a prática da religião e seus significados; como os candomblecistas, filhos do Ilê Asé escolhido, atuam para ajudar no equilíbrio e preservação da natureza e quais os desafios encontrados. A entrevista foi dividida em quatro partes com o intuito de abordar as seguintes questões: Informações pessoais da(o) entrevistada(o), como qual o cargo/função ocupa no terreiro; a segunda parte: qual a relação da natureza e meio ambiente com o Orixá; e a terceira parte abordou as visões da(o) entrevistada(o) com a sustentabilidade e o meio ambiente dentro dos atos da religião. O roteiro de entrevista completo encontra-se no Apêndice 3.

Após coletadas, as entrevistas foram interpretadas com objetivo de responder às perguntas de pesquisa, com o apoio da revisão bibliográfica obtendo-se assim a perspectiva dos candomblecistas sobre o meio natural e, como a religião contribui para a conservação do meio ambiente em que vivemos, quais os benefícios ou prejuízos que as práticas do culto religioso podem trazer à sustentabilidade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 As concepções de natureza no Candomblé

Os candomblés pertencem a "nações" diversas e perpetuam, portanto, tradições diferentes: Angola, Congo, Gêge (isto é, Ewe), Nagô (termo com que os franceses designavam todos os negros de fala Yorubá (ou Iorubá), da chamada Costa dos Escravos), Quêto (ou Ketu), Ijêxa (ou Ijesha) (BASTIDE, 1961).⁴

De acordo com Moura (2019), a nação Ketu está relacionada ao povo Iorubá. A ideia de nação no Candomblé está atrelada a território, traços identitários e litúrgicos também a misturas culturais ocorridas através da escravidão, em que propositalmente os povos eram misturados com suas diferentes línguas, culturas e etnias dificultando a comunicação entre eles.

Tradição milenar dos Iorubás africanos, a religião dos Orixás (o Candomblé) foi (re)inventada do outro lado do Atlântico, a princípio, no ambiente do mundo

⁴ Países que compõem a Costa dos Escravos, conforme seus nomes atuais: Togo, Gana, Nigéria, Costa do Marfim e Benim.

escravista. Com o fim do cativeiro, a religião se expandiu no ambiente urbano e industrial (DOMINGUES, 2007, p. 23)⁵.

No texto de Martins (2015), é evidenciada a interação do Candomblé com a natureza através de seus banhos, alimentos e os elementos da natureza que são fundamentais para seus ritos. O autor também evidencia a relação do ser com a natureza, pois para Martins é impossível viver sem estar conectado com a natureza. Ele afirma “sem natureza não há Orixás”. Conforme Silva e Santos (2021, p. 298) “O sagrado é concebido em uma relação direta com a natureza e somente a partir do Axé, que é a energia que movimenta a tudo e a todos, é que os rituais podem ser desenvolvidos”.

Para Martins (2015), preservar, cuidar e manter o meio natural, são fundamentais para os candomblecistas pois seus ritos são feitos através de elementos que vem da natureza considerados sagrados para os candomblecistas, como um banho de erva, folhas para preparos de comidas de Santo e até mesmo os Orixás que são forças da natureza e dependem da mesma para sua existência. Afinal, o Orixá é cultuado através da energia da natureza, se ela não é tratada com respeito, gera-se desequilíbrio, o que interfere na energia do Orixá. Assim, o Candomblé tem grande ligação com o meio natural em que vivemos, é uma religião ecológica que pode contribuir para grandes debates ambientais.

Conceição *et al.* (2009), por sua vez, cita as dificuldades encontradas pelos candomblecistas para a prática da sua religião, como o crescimento da urbanização, que dificulta o contato e a proximidade com a natureza que é a principal ferramenta da religião, tanto para atos, quanto para o contato com o Orixá, dificultando também o encontro de ervas dos Orixás.

O aumento da urbanização, provocado muitas vezes pelo próprio Estado brasileiro, está diminuindo cada vez mais o espaço natural e gerando também muitos problemas ambientais por falta de capacidade de não suportar tanto aumento populacional, diminuindo a população nativa dos animais que ali viviam, assim prejudicando não só a flora, mas a fauna também.

⁵ A escravidão no Brasil foi implantada nas primeiras décadas da colonização e aconteceu na década de 1530 e o fim ocorreu em 1888, entre os séculos XVI e XVII.

2.2 Orixá e os elementos da natureza

Cada Orixá tem sua erva ou a árvore que o representa. Existem *itans* que contam o porquê de cada árvore, erva ou um elemento da natureza pertencer a cada Orixá. Como o arco-íris que pertence a *Oxumaré* por ele ser a ligação entre o céu e a terra. A jaqueira representa a fertilidade de *Oxum*, a deusa da maternidade, porque uma jaqueira produz várias jacas e em cada jaca existem várias reproduções que são seus caroços.

Para Verger (1951), o Orixá está diretamente ligado a forças da natureza como os diferentes tipos de água, vento, trovão, raio ou Sol e também a atividades ligadas à natureza. Os sacerdotes devem possuir o conhecimento das plantas, a serventia de cada uma delas para cada Orixá e para o quê serve.

A busca do Orixá muitas vezes é feita na natureza, em espaços naturais que os representam, conforme a sua história ou ligação com o elemento da natureza. Assim, os trabalhos ofertados para *Oxum* são entregues nas águas com o máximo de elementos orgânicos possíveis, para não poluir a cachoeira, lugar onde *Oxum* mora, pois quando se suja o ambiente também se desagrada o Orixá.

Os adeptos afirmam que a religião afro-brasileira contribui para um meio ambiente ecológico e sustentável, pois suas práticas são voltadas para a energia da natureza, o respeito de cada espaço como a casa de seu Orixá. Por exemplo, *Oxossi* ou *Odé*, nome em Iorubá, que significa caçador, é considerado o dono das matas, já que é o Orixá da caça e da fartura, que traz os alimentos para a casa.

No caso de Ogum, há uma relação direta entre a agricultura e o artesanato de ferro, que permitiu a produção das ferramentas agrícolas, o mesmo ferro com que se fazem as armas de guerra, faca, facão, espada, e que transformou Ogum no deus da metalurgia e da guerra, numa emblemática expansão de um culto que se iniciou em referência ao plano da natureza (o ferro) para depois se fixar no domínio das atividades humanas (agricultura, metalurgia, guerra) (PRANDI, 2005, p. 2).

2.3 Meio natural, fenômenos naturais, plantas e outros recursos naturais no Candomblé

Cada Orixá tem seu lugar para ser cultuado, não necessariamente se cultua apenas no local natural, se cultua também no terreiro, porém seus locais de pertencimento são no ambiente natural destinado historicamente para cada um, como uma forma de casa e ambiente energético para se buscar a proximidade com o Orixá.

Com o passar dos tempos esses espíritos passaram a ser cultuados como Orixás, responsáveis pelo controle e governo do mundo natural como o trovão, o raio e a fertilidade da terra, enquanto outros foram cultuados como guardiões de montanhas, cursos d' água, árvores e florestas. Cada elemento natural está ligado a um Orixá, que possui características próprias. Uma energia mítica, que por sua vez tem um local específico para ser cultuado e adorado (MELO, 2007, p. 29).

A ligação do Orixá com a natureza vai além dos cultos praticados na natureza. Dentro dos terreiros, quando se canta ou reza para um Orixá as cantigas, reverenciando tal Orixá e seu poder, o vinculam com algum elemento da natureza. As cantigas também contam sua história, de quando o Orixá vivia na terra, louvando sua erva, sua casa que pode ser o mar, uma pedreira, cachoeira ou até mesmo as matas. Todo *Iê Asé* tem sua representação de natureza com plantas de Orixás que são necessárias para a prática da religião ou para a representação de um Orixá.

Para Sena *et al.* (2014), o horário também é um fator de importância quando se trata de ervas e Orixá, pois cada erva tem seu horário de recolhimento ou em um determinado período do dia é retirada para uma determinada função. Normalmente ao meio-dia se presta para um Orixá, depois do pôr do Sol é para outro. Não somente as ervas como também atos dentro do terreiro têm seu horário próprio para ocorrer, como oferecer uma comida tem o horário certo a ser observado.

Nos Orixás, a natureza não se apresenta como exterioridade, não se distingue dos próprios mitos, que trazem em si o comportamento dos elementos da natureza, dentre eles as águas, que ora apresentam-se calmas, pacíficas, cristais na forma de gotículas de água caindo do céu, e ora são revoltosas, dependendo das mudanças de humor dos orixás. As chuvas podem vir como serenas cortinas d' água, com poucos ventos... Outras vezes chegam com violência, torrenciais, com vendavais, relâmpagos e trovões. Neste caso a natureza dos orixás está em desequilíbrio, é preciso apaziguar os deuses, fazer oferendas, demonstrar respeito e admiração pela própria natureza (RANGEL e GOMBERG, 2016, p.26-27).

Quadro 2: Orixás e os elementos relacionados.

Orixá	Cores	Metais	Animais	Aspectos da natureza	Aspectos da sociedade
<i>Oxalá</i>	branco	alumínio	cabras brancas; pombos	abóboda	-
<i>Exu</i>	vermelho e preto	bronze	galo; bode	aberturas ruas; encruzilhadas	-
<i>Ogum</i>	azul	ferro	carne, galinha d'angola	-	guerra, metalurgia
<i>Omolu</i>	preto e branco	-	bode, galo, porco	a terra, sol, as doenças epidêmicas	"médico dos pobres"
<i>Xangô</i>	vermelho e branco; apenas vermelho	cobre	galo, carneiro, caranguejo	raio, fogo	justiça
<i>Iansã</i>	idem	idem	cabras e galinhas	vento, tempestade	-
<i>Oxossi</i>	verde e amarelo	bronze	carneiro, galo	a lua em especial na forma de Ode	caça
<i>Iemanjá</i>	rosa, azul claro	prata	pombas, ovelhas	o mar	a pesca
<i>Oxum</i>	cor de ouro	latão	cabra, galinha	água doce	o amor
<i>Oxumarê</i>	as sete cores do arco-íris	-	galo, bode	arco-íris	-

Fonte: D'OGUN GUILHERMINO, 2002.

Para Martins (2015), a preservação e o olhar sensível com a natureza dos candomblecistas vem da relação e do pertencimento do Orixá com a natureza, assim

assumindo um papel de preservação do planeta e do meio ambiente, pois cada Orixá está ligado a um elemento da natureza. Sendo assim, a preservação é algo primordial no Candomblé.

3. A RELAÇÃO DO CANDOMBLÉ COM A NATUREZA NO ILÊ ASÉ ALAKETU ONIRA FERAN N'IFÉ

3.1 O terreiro *Ilê Asé Alaketu Onira Feran N'ifé*

O *Ilê Asé Alaketu Onira Feran Nifé* é localizado em área rural de Planaltina – DF, onde tem poucas residências e mais área verde. O local é uma chácara. A maioria dos barracões (as casas de Candomblé) seguem este padrão pela cultura da religião, para não gerar incômodos sonoros para a vizinhança durante os ritos e cerimônias realizados. Também pelo preconceito que sofrem os terreiros em ambientes urbanos. Por fim, o Candomblé necessita de espaços para plantar suas ervas e árvores sagradas para a conexão com o Orixá, como um símbolo de representação.

Nas entrevistas, após serem questionados sobre qual a importância da natureza para cada um e dentro da religião do Candomblé, os candomblecistas:

Natureza pra mim é vida, pois a natureza pra mim engloba tudo, terra, mar, água, mato (...) a primeira parte que dá a vida é a água e depois vem todo o resto (...) importância da natureza na religião, é que para nós que cultuamos Orixás, cada Orixá tem um domínio na natureza, para nós a terra tem um dono que é Omolu; a cachoeira tem a dona que é Oxum, a senhora das águas doces; as pedreiras são de Xangô o senhor da justiça; a mata é de Oxóssi pela convivência de caças é o senhor da comida, da fartura; as folhas das árvores são de Ossain que é de onde é extraído tudo para a medicina, não só para a medicina dentro do candomblé ou dentro da umbanda, mas é a essência das folhas das matas que desenvolve a medicação. (Mãe Neuza de *Oyá*, a *Yalorixá* do *Ilê Asé*, entrevista concedida em 2023).

No depoimento de Neuza, podemos observar a associação dos Orixás a diferentes elementos da natureza e também a conhecimentos e dimensões específicas da vida: a justiça, a medicina etc. Na sua visão tudo tem grande importância desde uma pequena folha a algo maior como a água que dá a vida a tudo na natureza.

A natureza tem grande importância para os praticantes da religião, pois não se faz nada na religião sem a natureza, mató, terra... sem os elementos da natureza. (*Ogan Matheus de Oxossi*, entrevista concedida em 2023).

Para Matheus, a natureza é tudo, pois é a principal ferramenta de praticar sua religião. Assim, sem os elementos da natureza não há Candomblé.

Natureza pra mim é tudo que tem vida, tudo que faz parte do nosso cotidiano (...) as árvores, água, terra, chuva, vento, quando se pensa em candomblé e natureza eu penso nisso, (...) sem a existência da natureza não se consegue cultuar a religião, não permite que o culto exista, então eu acredito que tudo que se diz respeito ao natural e a natureza tem haver com o candomblé e tem muita importância para o Candomblé. (*Vitória, Abian do Ilê Asé*, entrevista concedida em 2023).

Na entrevista, Vitória enfatiza a relação Candomblé e natureza, pois quando pensa na religião logo pensa na natureza pela grande relação entre eles. A entrevistada chega a afirmar que o culto fica ameaçado quando não se dispõe de condições ambientais que permitam o contato com elementos de natureza, como água, terra, chuva, vento etc. Logo, fica evidenciada a centralidade da natureza para a religião.

Foto 2: Banho de erva preparado para limpeza antes do culto no Ilê Asé



Fonte: Viviane de Sousa Santos, 2022.

A imagem acima do banho de ervas mostra que em cada ato dentro do *Ilê Asé Alaketú Onira Feran Nifé* há o manejo de elementos de natureza, com fins diversos. Essas práticas envolvem também responsabilidades assumidas pelos candomblecistas, com o cultivo e conservação das espécies de plantas manejadas. Revela-se assim a importância da natureza nos cultos e atos praticados, desde o preparo de um banho até a comida oferecida ao Orixá, dentro ou fora do Ilê. Os praticantes também manifestam preocupações específicas de como irá para a natureza os elementos manipulados, pois também faz parte da religião ter em conta a importância do ambiente limpo e equilibrado.

O Candomblé é uma religião que possui hierarquia, seus ensinamentos são passados de geração para geração, normalmente da *Yalorixá* (mãe de Santo) ou algum cargo da casa *Ogan* ou *Ekeḍí*. A ideia da natureza equilibrada é uma condição necessária para manter o Orixá vivo. Dito de outro modo, é necessário respeitar a natureza, pois é dela que vimos e vamos quando morremos.

Por meio das entrevistas realizadas os entrevistados relatam os ensinamentos sobre a importância da natureza e de práticas ecológicas na religião.

As informações são passadas no dia a dia, no cotidiano, pois não existe um livro de ensinamento como a bíblia ou uma apostila ensinando, pois cada casa segue um jeito diferente, e para obter o conhecimento de cada folha, erva ou elemento é preciso estar dentro do barracão todos os dias vivenciando para obter o conhecimento (*Ogan Matheus de Oxossi*, entrevista concedida em 2023).

Matheus destaca a importância da vivência dentro do Ilê Asé para se aprender os ensinamentos passados pelos mais velhos, pois cada casa tem seus ensinamentos, então a convivência seria a forma tradicional para se passar os ensinamentos dentro de um *Ilê Asé*.

(...) no Candomblé não existe um livro ou uma bíblia, o que temos é o conhecimento que é passado de pessoas para pessoas (...) o primeiro continente habitado foi África e as pessoas esquecem porque logo após veio a divisão (...) os ensinamentos são sempre passados do mais velho para o mais novo (...) o ensinamento de como lidar com o Orixá, de como lidar com a natureza, no que a natureza pode nos favorecer dentro da nossa religião, quando se suspende uma comida que foi arriada no pé do Orixá levamos para a natureza, para as águas para os peixes e eles comem, a comida que é entregue nas matas toda a caça come, desde uma formiga até uma ave como desta comida (...) trabalhamos com grãos e massas tudo que se decompõe na natureza (...) as pessoas que deixam um alguidar ou garrafas na natureza ela não tem conhecimento do que é a natureza dentro de um ritual de candomblé (...) se serve comidas em folhas, antigamente não existia pratos nem de barro, se comia em folhas, bebia água em folhas encontradas nas margens das nascentes, então não há necessidade de deixar sujeiras na natureza (...) se oferece comidas em folhas e os bichos comem (*Mãe Neuza de Oyá, a Yalorixá do Ilê Asé*, entrevista concedida em 2023).

No relato de Neuza, ela destaca como são passados os ensinamentos, já que a religião não possui um livro sagrado, um relato escrito em que é ensinada a importância da natureza dentro do *Ilê*. Tudo é usado de forma sustentável (conforme os parâmetros da religião) para ser entregue à natureza de forma a não degradá-lo. Tal como antigamente, todas as folhas usadas devem ser entregues ao Orixá como antes.

Neuza também demonstra a importância e a contribuição do candomblé para o ciclo de transformação da natureza, ajudando na sobrevivência dos animais e não se passa despercebido qualquer ação feita pelos candomblecistas, desde o impacto positivo para uma formiga, ave ou peixe. Parte da religião que não seguem esses parâmetros ainda não entenderam a raiz da religião, a energia que cultua o Orixá depende desta preservação e deste cuidado até mesmo para se remeter a ancestralidade, como eram feitos e entregues essas comidas que a principal ferramenta eram as folhas tanto para comer, tanto para beber.

Se aprende no candomblé que a nossa religião é passada dos mais velhos para os mais novos, sempre atento para os ensinamentos de uma mãe de Santo, um Ogan ou um iyawó mais velho (...) todos os dias vividos em um terreiro se aprende uma coisa nova (...) não existe uma cartilha ensinando quais as ervas de cada Orixá ou qual sua serventia, isto é passado pelos mais velhos dentro do Ilê Asé. (Vitória, *Abian do Ilê Asé*, entrevista concedida em 2023).

Vitória, também destaca a importância da vivência dentro do Ilê, pois é lá que são passados os ensinamentos e a sua melhor forma de aprender é vivendo as experiências, mantendo-se sempre disposta a aprender o que um mais velho tem a ensinar. Todos os dias se aprende algo novo, pois são vivências e experiências diferentes cada dia vivido dentro de um terreiro.

Foto 3: Casa do Orixá Oxóssi no Ilê Asé Alaketú Onira Feran N'ifé.



Fonte: Viviane de Sousa Santos, 2022.

3.2 Práticas e usos da natureza no cotidiano do terreiro

A maioria dos rituais são feitos com a ajuda de muitas ervas. Não existe fazer trabalho em um *Ilê Asé* sem antes tomar um banho de ervas para se limpar, antes de fazer uma comida para um Orixá ou até mesmo um ritual individualizado, como um *ebó*, por exemplo, que é um ato que se faz para tirar energias negativas que estejam atrapalhando a vida de uma pessoa. Todo ritual é finalizado com banho de ervas para terminar a limpeza. Posto isto, sem ervas, plantas e a natureza como um todo, não existe Candomblé.

As ervas e plantas são elementos de grande importância dentro dos atos na religião, pois é a maior fonte energética natural que se pode obter. Quando se faz um banho de ervas, transfere-se toda a energia dela para a água que será jogada sobre o corpo.

Os entrevistados destacam a importância e o uso das plantas e ervas dentro e fora do *Ilê Asé*. Neuza também destaca os desafios encontrados na hora de cultivar os Orixás em ambientes naturais.

As plantas são usadas de diversas formas, em iniciações, feitura, banhos, realizar comidas para os Orixás, fora do *Ilê Asé* pode ser feito atos nas matas trabalhos para prosperidade, entregar alguma oferenda para algum orixá, grã, uso de cachoeira, água, mar. (*Ogan Matheus de Oxossí*, entrevista concedida em 2023).

Matheus relata as diferentes formas de se utilizar uma folha, desde o início e durante cada ato na religião. Em uma feitura, por exemplo, que é o momento sagrado na religião em que o candomblecista se doa para o Orixá, o aceita e o confirma em sua vida, são utilizadas as folhas. Também nos banhos, que é algo que se faz inicialmente, antes de qualquer ato e por qualquer um dentro do terreiro, praticante ou não da religião.

(...) se eu vou fazer alguma coisa para Oxum eu preciso das águas, e ultimamente você vai em um rio e encontra garrafas, coisas que podem ser prejudiciais até para nós mesmos e não é apenas pessoas da religião, todos os seres humanos não está preservando a natureza, as pessoas estão derrubando as árvores que nos fornecem folhas para remédios e para nossos banhos de prosperidade, equilíbrio e de saúde e esquecem que as árvores é a transformação do oxigênio, ela puxa todo o ar sujo para soltar o ar limpo (*Mãe Neuza de Oyá, a Yalorixá do Ilê Asé*, entrevista concedida em 2023).

Neuza detalha a importância de ambientes naturais para alguns Orixás específicos, como a água para *Oxum*. Também os desafios encontrados quando se vai oferecer algo em um ambiente natural, problemas não só para quem cultua Orixá. O grande desmatamento afeta a existência de todos, visto que dependemos das árvores para o equilíbrio da natureza e do ar. Para Neuza, os candomblecistas desenvolvem uma percepção crítica sobre os processos de degradação ambiental e sentem necessidade de aderirem a práticas de cuidado com o meio ambiente, por terem uma sensibilidade maior com a sustentabilidade.

As plantas são utilizadas para tudo, para banhos, para fazer e decorar uma comida (de santo), na hora de enfeitar o salão para remeter a como era antigamente que os cultos eram feitos ao ar livre (...) quando tem saída de um *lyáwó* se decora para ficar o mais natural possível, quando se entrega uma oferenda para um orixá pode ser em um lago (...) então sem

natureza, sem lago, sem cachoeira, sem ervas, sem as folhas não existe o Candomblé, é um ponto muito importante na religião, pois se extinguir tudo que há na natureza, extingue o candomblé também. (Vitória, *Abian do Ilê Asé*, entrevista concedida em 2023).

No relato de Vitória, podemos observar que ela destaca a importância da interação das pessoas com o ambiente natural dentro do *Ilê*. Sempre há elementos naturais, desde as folhas que são jogadas no chão para ficar mais próximo da energia da natureza e do Orixá, já que o Orixá é a energia regida da natureza, sempre buscando folhas que representam ou seja de um determinado Orixá ao qual está sendo dedicada a festa.

Foto 4: Abará, comida oferecida a Orixá Obá no Ilê Asé.



Fonte: Viviane de Sousa Santos, 2022.

Na foto podemos observar a comida oferecida à Orixá Obá - Orixá guerreira, do amor, representada pelo fogo e a água agitada - apenas com elementos orgânicos que não prejudicam o meio ambiente, como o bolinho de feijão fradinho, que é preparado em folha da bananeira, e as folhas que compõem a decoração do prato.

3.3 A visão dos membros do *Ilê Asé Alaketu Onira Feran N'ifé*

Trechos das entrevistas elucidam a relação do Orixá com as plantas e os elementos da natureza em geral. Quando perguntados sobre como se dão os ensinamentos da importância da natureza dentro do Candomblé e como isso é passado dentro do *Ilê Asé*, podemos observar que os entrevistados destacam o papel dos mais velhos.

(...) muitas informações foram perdidas pelos antigos já que é uma religião em que o conhecimento é passado de geração em geração (...) acredito que não existe um lugar específico para cada Orixá, pois um determinado lugar pode ser usado para todos ou não... depende do que vai ser realizado naquele local, pois existem vários caminhos de diferentes Orixás, por exemplo, um rio de água doce é de Oxum, mas em uma determinada parte que tenha lama mais profunda é de uma determinada qualidade de Oxóssi, ibualama, o mangue é de Nanã por causa da lama, as matas em si é de Ossain por ele ser dono de todas as ervas, mas também é de Oxóssi que é caçador (...) outros elementos da natureza que pertencem ao candomblé são os trovões, raios, chuvas, Sol e vento (*Ogan Matheus de Oxóssi*, entrevista concedida em 2023).

Em seu relato, Matheus acredita que por não se ter um documento oficial de registro com os ensinamentos da religião, muitos ensinamentos se perderam com os mais antigos da religião. Matheus explica que um ambiente pode servir para vários Orixás e não apenas um, já que cada Orixá se manifesta por meio de vários segmentos e fases da sua vida, o que determina suas diferentes características e os espaços em que vivem.

(...) na realidade quem é dono das ervas e das folhas chama-se Ossain, não se pega uma erva para preparar um banho ou um remédio sem pedir licença primeiro para Ossain, mesmo todos os Orixás tendo sua erva (...) quando tem alguém doente e nós vamos para o mato pegar uma erva para Omolu para fazer o chá para esta pessoa, como por exemplo, canela de velho que é muito conhecida, tem as folhas secas sendo vendidas em farmácias para medicação, agora também está saindo bastante o melão de São Caetano, que também é de Omolu (...) quase todas as ervas para saúde, pertence a Omolu (...) quase todas as ervas para saúde, pertence a Omolu, ervas para dar equilíbrio, por exemplo, para uma pessoa de Oxóssi que não está tendo a prosperidade, se pega a erva de Oxóssi ou uma pessoa que está tendo dificuldade em resolver alguma coisa, se prepara um banho com a erva

de Xangô (...) uma pessoa com a mente "tumultuada" se usa a erva de lemanjá ou uma erva de Oxalá para a pessoa usar, um exemplo a pessoa estar com dor de cabeça, ela vai pegar folha de café põe em volta da cabeça e amarre com um pano a dor de cabeça vai embora (...) uma pessoa com a vida trancada, toma banha com erva de Ogum, ou para-raio que é erva de Oyá que é a dona do vento e da tempestade, quando ela joga a tempestade é para lavar a impureza e levar as coisas ruins (Mãe Neuza de Oyá, a Yalorixá do Ilê Asé, entrevista concedida 2023).

Neuza destaca as formas como o Candomblé atua em várias áreas da vida. Cita quem é o dono de todas as ervas, que é o Orixá *Ossain*, através da prática de pedir permissão para o Orixá quando se entra em um ambiente natural demarcando-se assim o caráter sagrado da natureza e o respeito com ela, que não deve ser explorada de forma desenfreada, conforme os valores da religião. Também se observa a interação entre os Orixás, um depende do outro. Neuza também destaca a função de cada folha e como vem sendo expandido os ensinamentos dos candomblecistas para os ambientes urbanos, como feiras e mercados.

(...) o mar representa lemanjá, o trovão representa Xangô, o vento e as tempestades representa Oyá, Oxum é representada pela cachoeira, as matas representa Oxóssi Orixá caçador, Ossain é dono de todas as ervas. (Vitória, *Abian do Ilê Asé*, 2023).

Vitória cita alguns elementos naturais e a qual Orixá está associado cada um. Cita *Ossain* como o principal dono de todas as ervas, o maior responsável por todo o ambiente natural.

Seguem outros exemplos citados pelos entrevistados Matheus e Neuza, de como os elementos interferem na hora dos ritos ou a importância dentro da religião para o Orixá.

(...) o estrondo do trovão é de Xangô, já a luz do raio é de Oyá, são dois elementos que ao mesmo tempo é um para cada como o vento que também é de Oyá, o Sol e a terra é o elemento de Omolu (...) estes elementos têm interferência na hora de realizar um rito, pois tem determinadas coisas que não podem ser realizadas em determinadas horas ou usando determinado elemento, existem ervas e folhas que não podem ser recolhidas durante o Sol pois enquanto o Sol está quente ele é usado para uma determinada coisa já com o pôr do Sol tem outro efeito o uso da erva recolhida (*Ogan Matheus de Oxóssi*, entrevista concedida em 2023).

Matheus relata que até o horário interfere em atos da religião, por esse motivo os candomblecistas precisam desenvolver uma atenção maior para as mudanças do ambiente na hora de fazer algo para o Orixá. Por exemplo, o melhor horário para se fazer um ato para *Omolu*, pedindo saúde, é meio-dia, quando o Sol está no centro do Céu e mais quente, isso porque seus elementos são o Sol, fogo e terra.

(...) os orixás regem a terra, Omolu é vida, preserva a terra pois é onde recebe o corpo de quem vai embora para fazer a transformação então ele guarda este corpo (...) toda a água existente no planeta tem apenas um segmento, ela deságua no mar (...) a senhora do mar é Iemanjá (...) Xangô é o senhor da pedra (...) Oyá é a senhora dos ventos, tempestades, reinando junto com Xangô que é o senhor dos trovões, da justiça (...) Oxumarê é o arco íris, é quem faz a transformação da água para o Orun (céu) e depois essa mesma água vem para a terra outra vez (...) Ogum é quem comanda as estradas de ferro, foi quem criou as primeiras ferramentas para a agricultura, todas as ferramentas passaram por sua mão, como a enxada, pá, picareta e etc para fazer a transformação na terra (Mãe Neuza de Oyá, a *Yalorixá* do *Ilê Asé*, entrevista concedida em 2023).

Neuza destaca em seu relato, com intensidade, a importância dos principais elementos que regem a vida, que são a terra e a água. Identifica diferentes elementos e fenômenos associados aos Orixás, que são seus regentes. O culto aos Orixás é um culto à natureza e uma forma de manejo também de diferentes fenômenos da vida. Destaca a *Yalorixá* que esses elementos seguem tendo importância até depois da morte, pois é para a terra que os seres humanos voltam. Pode-se observar através deste relato a grande interação dos Orixás com o ambiente em que vivemos, o Orixá como o responsável pela ligação entre o sagrado e o ambiente em que vivemos e como grandes responsáveis pela evolução humana.

É possível identificar a relação do Candomblé com a sustentabilidade e o cuidado com a natureza. Os entrevistados discorrem sobre a importância do cuidado com a natureza e os desafios encontrados para isso.

acredito que todo barracão contribui para a sustentabilidade e para a preservação da natureza, pois o meio ambiente é a matriz e a base do candomblé, sem a natureza e sem a folha por mais simples que seja não existe o candomblé, comidas e atos, por isso se deve a preservação da natureza (...) a prática específica para a sustentabilidade é que todas as comidas e oferendas oferecidas para os orixás como os grãos por

exemplo, são todas voltadas para o solo, para o pé de uma árvore onde irá decompor e não irá agredir o solo (...) o maior desafio é encontrar área para o cultivo das nossas plantas porque na área urbana não se encontra folhas e ervas de santo de fácil acesso, no setor de chácara onde moro antigamente existiam muitas ervas hoje já não se encontra mais, então se usa a área do Ilê Asé para fazer o plantio das ervas (Ogan Matheus de Oxossi, entrevista concedida em 2023).

Matheus cita a preservação da natureza como algo importante pois é a matriz e base da religião. Por isso, a importância de tudo ser entregue orgânico ao meio ambiente, para que não polua a natureza. Matheus também elucida sobre os desafios encontrados para obter as folhas dos Orixás, para realizar seus cultos. Este desafio ocorre pela diminuição da área rural, o aumento populacional e a expansão de áreas urbanas. Os Ilês são localizados em áreas rurais na busca por mais conexão com o Orixá e como um símbolo de representação do espaço com as ervas dos Orixás.

os membros do Ilê Asé Alá Ketu Onira Feran Nifé, todos eles contribuem com a natureza, pois a primeira coisa que é repassado para eles é o controle com a natureza, é saber chegar e pedir licença e saber sair da natureza, só se pega uma folha a quantidade que vai se usar, não se pega para deixar secar, não se pega uma água na cachoeira que não seja utilizada para um banho e assim sucessivamente. Há uns anos atrás, convoquei as casas de matriz africana para limpar a natureza, eu parei de fazer isso e passei a cuidar só dos atos da minha casa por não ter contribuições de mão de obra dos próprios membros do Governo, porque eu moro perto de um local onde é reverenciado outras religiões, eu fui para fazer a limpeza retirei todo o material e ensaquei, solicitei a administração um carro para recolher o lixo e não fui atendida (...) fui a Pedra Fundamental, fiz a limpeza com os filhos do meu Ilê Asé, solicitei para retirar o lixo e não fui atendida (...) hoje em dia se eu chegar em um local e eu for arriar uma abóbora para Oxóssi e tiver uma garrafa no pé desta árvore eu retiro essa garrafa e ponho dentro do meu carro e jogo no lixo de casa (Mãe Neuza de Oyá, a Yalorixá do Ilê Asé, entrevista concedida em 2023).

Na entrevista, Neuza destaca o desperdício de tudo que se refere à natureza como algo inaceitável dentro do Candomblé. Esse princípio é transmitido quando se entra para o Ilê: o equilíbrio da natureza e o respeito. Antes havia ações com os membros do Ilê e das casas vizinhas para a limpeza do ambiente, porém com a falta de apoio do Estado, Neuza desistiu de fazer ações coletivas mais amplas e passou a fazer somente com os membros do seu Ilê Asé.

se observa que o Ilê Asé é localizado em área rural para que possamos plantar e ter muitas árvores, ervas e plantas que utilizamos nos banhos (...) em ambiente urbano não conseguiríamos ter isto (...) contribuimos com a natureza no plantio de árvores, para a roça ser um ambiente mais natural, pois o candomblé é uma religião muito manual, nada é de forma industrializada tudo mais próximo do ecológico e natural possível. Os maiores desafios para a proteção das áreas naturais são os próprios seres humanos, muitos adeptos a religião acham que ao levar uma comida para Oxum na cachoeira você não precisa ter o cuidado de levar em uma folha que ajudaria a deteriorar mais rápido e sem poluição e que viraria um adubo no ambiente, já tem pessoas que levam em uma panela de ferro, por exemplo, e deixa lá causando muita sujeira (...) o que mais atrapalha é a falta de consciência das pessoas de preservar e cuidar, que tudo isso vai acabar um dia se não cuidarmos e se acabar será impossível cultivar o candomblé. A gente que é adepto ao candomblé, que é filho de santo procura ser o mais sustentável possível na entrega de um balaio, de um presente procurando sempre fazer a entrega de flores e de plantas, para que não deixe sujeira. (Vitória, *Abian do Ilê Asé*, entrevista concedida em 2023).

A entrevistada Vitória destaca a importância do *Ilê Asé* ser localizado em área rural, o que permite aos candomblecistas plantar individualmente as ervas usadas para a prática dos cultos. Ela acredita ser uma forma também de contribuir para um ambiente mais equilibrado. Afirma que outros adeptos à religião, de outros *Ilês*, que não consideram a natureza como algo fundamental, que precisa ser preservado e cuidado, ferem os princípios do Candomblé.

4. SUSTENTABILIDADE NO CANDOMBLÉ: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu observar que a natureza é algo primordial para a existência, conforme a concepção de candomblecistas, não apenas no nível da sobrevivência material das pessoas e coletivos humanos, mas também como algo sagrado. Assim podemos entender que antes de nós, seres humanos, existe uma natureza a ser preservada e zelada. No Candomblé, o cuidado com o meio em que vivemos partiria de uma prática não somente para a sobrevivência da espécie humana, mas sim na vida, de forma ampla para diferentes tipos de espécies.

Com a pesquisa ficou caracterizada uma forma diferente de se relacionar com a natureza, a forma religiosa de vê-la como algo sagrado. Sem desconsiderar as necessidades materiais, os candomblecistas conseguem encontrar o equilíbrio na

relação com a natureza, por meio do respeito e de uma perspectiva sobre a natureza como algo não apenas material, mas sim primordial.

As práticas ecológicas dentro do Candomblé são de suma importância, considerando que a religião é feita, desde seus banhos com ervas a atos rituais, em ambientes naturais. Também os Orixás, a parte mais importante da religião, são elementos ou fenômenos da natureza. Quando não se respeita a natureza em um ato no Candomblé, está se desrespeitando o sagrado, os Orixás, sua ancestralidade e toda sua crença. O desrespeito vai além de matar plantas ou sujar um local com lixos inorgânicos, mas também quando se mata um animal que é sagrado para um determinado Orixá.

O olhar sensível para a natureza através do sagrado no Candomblé é uma forma de sustentabilidade. Afinal, atua no manejo da vida para que as próximas gerações tenham um ambiente equilibrado. Para os candomblecistas, todos que habitam a terra fazem parte do meio ambiente energeticamente. Assim como os Orixás, os seres humanos são feitos também de energia. Então, para que haja a conexão entre os seres humanos e o meio ambiente, segundo a religião, é preciso que a natureza seja percebida também como algo ao mesmo tempo material e imaterial. Conforme essa concepção, a noção de sustentabilidade deve também ser ampliada, para incluir outra dimensão, além do social, do ambiental e do econômico.

APÊNDICE 1: GLOSSÁRIO

Abará: Comida oferecida à Orixá Obá, preparada com feijão fradinho.

Abian: Candomblecista ainda não iniciada, ou seja, feita no santo.

Axé/Asé: Força maior, energia positiva que rege a religião.

Casa/terreiro: Casa é o templo onde se pratica o candomblé, traduzido do lorubá Ilê, também podendo ser chamado de roça ou terreiro na versão traduzida.

Confirmado: Feito no Santo ou indicado pelo Orixá como tendo função ou cargo no Ilê Asé através de algum ato.

Ebó: Ritual para reequilibrar energias da vida de um indivíduo.

Eke di: Cargo exclusivamente feminino, escolhido pelo Orixá para cuidar dele e de seus filhos, considerada mãe dentro da casa de asé. Cargo importante dentro da casa depois da Yalorixá.

Exu

Feitura: Ser feito no Santo, ser confirmado e iniciado na religião pelo Orixá.

Iansã: Nome dado à Orixá Oyá, guerreira, dona dos ventos e tempestades.

Iemanjá: Orixá das águas salgadas, representada pelo mar.

Iniciações: Mesmo que feitura, quando se confirma para o Orixá em um culto específico.

Itans: Histórias ou mitos contados dos Orixás.

Ìyawó: Pessoa iniciada no Santo, que recebe a energia do Orixá, entra em transe.

Nanã: Orixá feminino que criou a vida, dona da lama.

Obá: Orixá feminino, guerreira, deusa do amor.

Odé: Palavra em iorubá que significa caçador, também podendo ser usada para chamar o Orixá Oxossi.

Ogan: Cargo exclusivamente masculino, é o único que pode tocar atabaque, escolhido diretamente pelo Orixá.

Ogum: Orixá guerreiro, dono das estradas.

Omolu: Orixá da misericórdia e da saúde, dono da terra.

Oxalá: Orixá que rege a cabeça de todos os seres.

Oxossi: Orixá caçador, responsável pelo alimento e prosperidade.

Oxum: Orixá da maternidade, responsável por cuidar da fertilidade.

Oxumarê: É representado pelo arco íris, Orixá que faz a ligação entre o céu e a terra.

Oyá: Orixá guerreira, dona dos ventos e tempestades.

Xangô: Orixá da justiça, dono do trovão e fogo.

Yalorixá: Mãe maior de um Ilê Asé.

APÊNDICE 2: TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE, PRÉVIO E INFORMADO E DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DE IMAGEM

TERMO DE ANUÊNCIA LIVRE, PRÉVIA E INFORMADA

Nós, participantes do Ilê Asé Alaketú Onira Feran Nifé, localizado em Planaltina – DF, concordamos em participar da pesquisa de TCC a ser realizada por Viviane de Sousa Santos, para fins de sua graduação em Gestão Ambiental da Universidade de Brasília (UnB), sob a orientação da professora Dra. Mônica Celeida Rabelo Nogueira.

Temos conhecimento de que:

- O objetivo desta pesquisa será analisar as visões de natureza, meio ambiente e sustentabilidade do do Ilê Asé Alaketú Onira Feran Nifé.
- As informações e depoimentos prestados serão utilizados no trabalho de conclusão de curso (TCC) da pesquisadora.

Ao final da pesquisa, a pesquisadora enviará um exemplar do resultado final do trabalho realizado ao Ilê Asé Alaketú Onira Feran Nifé.

Brasília, 3 de janeiro de 2023.

Mathus de Sousa Santos

Nenja Souza

Vitória de Sousa Santos

TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DE IMAGEM

Por meio do presente documento, o **Neuza Ferreira de Souza**, de forma inteiramente gratuita, em caráter total, definitivo e irrevogável, autoriza, na condição de *Yalorixá*, a utilização de imagens do ILÊ ASÉ ALAKETÚ ONIRA FERAN N'IFÉ pela estudante VIVIANE DE SOUSA SANTOS, por tempo indeterminado, para uso no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de bacharelado em Gestão Ambiental, da Faculdade UnB Planaltina, intitulado AS CONCEPÇÕES DE NATUREZA NO CANDOMBLÉ DO ILÊ ASÉ ALAKETÚ ONIRA FERAN N'IFÉ, PLANALTINA-DF.

A autorização objeto deste Termo alcança exclusivamente os seguintes fins: a elaboração do referido TCC, que será divulgado no repositório de TCCs da Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília (UnB): <https://bdm.unb.br/>. O objetivo da pesquisa foi compreender a relação da religião Candomblé da nação Ketu com a natureza.

Por estar de acordo,



Brasília, 22 de fevereiro de 2023.

APÊNDICE 3: ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. A partir de sua experiência no Candomblé, o que é a natureza para você?
2. Qual a importância da natureza no Candomblé e para os candomblecistas? Por que?
3. Qual o uso das plantas/natureza dentro do Ilê? E fora do Ilê?
4. Você conhece o Orixá associado a cada erva ou sabe a planta de cada Orixá? Se sim, por gentileza, dê exemplos.
5. Que outros elementos da natureza, além das plantas, têm significado no Candomblé?
6. Como esses outros elementos se associam aos Orixá e ritos no Candomblé?
7. Como se aprende esse conhecimento sobre a natureza no Candomblé?
8. Na sua opinião, como membros do Ilê contribuem com a sustentabilidade, para a proteção da natureza?
9. Quais são hoje os maiores desafios para realizar essa proteção?
10. O seu Ilê tem alguma prática específica voltada à sustentabilidade?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VERGER, Pierre. **Orixás**. Salvador: Livraria Turista, 1951.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia (rito Nagô)**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

CONCEIÇÃO, Sueli Santos *et al.* **A resistência da cultura botânica nas religiões de matriz africana em Salvador**. Salvador: Universidade Católica de Salvador, 2009.

D'OGUN GUILHERMINO, Sebastião. **Iansã do Balé Senhora dos Eguns**. 5a ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

DOMINGUES, Petrônio. Um pedaço da África do outro lado do Atlântico: o terreiro de candomblé Ile Iya Mi Osun Muiywa (Brasil). **Diálogos Latinoamericanos**, n. 12, p. 22-41, 2007.

DULLEY, Richard Domingues. Noção de natureza, ambiente, meio ambiente, recursos ambientais e recursos naturais. **Agricultura em São Paulo, São Paulo**, v. 51, n. 2, p. 15-26, 2004.

MARTINS, Felipe Rodrigues. Educação ambiental e Candomblé: afro-religiosidade como consciência ambiental. **Paralellus - Revista de Estudos de Religião**. Recife:UNICAP, v. 6, n. 12, p. 265-278, 2015.

MELO, Emerson. Dos terreiros de candomblé à natureza afro-religiosa. **Último andar**, n. 16, p. 27-36, 2007.

MOURA, Julia Lobato Pinto de. A geografia do sagrado nos terreiros de Candomblé Ketu. **Revista África e Africanidades**. Ano XI, n. 29, 2019.

ORO, Ari Pedro *et al.* **A religião no espaço público**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

PRANDI, Reginaldo. **Os orixás e a natureza**. São Paulo: USP, 2005.

RANGEL, Maria Cristina; GOMBERG, Estélio. A água no candomblé: a relação homem-natureza e a geofricidade do espaço mítico. **Geoiingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PGE/UEM)**, v. 8, n. 1, p. 23-47, 2016.

SENA, Clever; SANTOS, Rita de Cássia; BARROS, Flávio Bezerra. A biodiversidade tem axé? Sobre apropriações de animais e plantas no candomblé. **Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 24, n. 2, p. 211-222, 2014.

SILVA, Ioná Pereira da; SANTOS, Carlos Alberto Batista. Práticas e vivências ecológicas presentes nas expressões religiosas dos Povos de Terreiro no Semiárido Nordeste. **Identidade!**, v. 26, n. 1 e 2, p. 295-307, 2021.

VEIGA, José Eli da. Indicadores de sustentabilidade. **Estudos avançados**, v. 24, p. 39-52, 2010.